



Anyada Buena

Estevan de Negreiros Ketzer*

Rio Grande do Sul, Brasil

estevanketzer@gmail.com.

O vento frio insistia em ficar com as chuvas pesadas dos últimos dias, enquanto eu me esforçava para não reclamar das dificuldades do último ano. O ar parecia sempre a desfalecer a todos, cercados pelo vírus vindo do leste. Mas meu rabino não falta de lembrar: “Esse ano vamos fazer na Sinagoga Sefaradi”. A antiga sinagoga há anos fechada. Nunca soube bem como ele abria tantos caminhos em dias trevosos. Aquele ano principalmente. Um alto discípulo do movimento *Chabad*, enquanto eu me sentia feliz em acompanhá-lo em tudo.

A velha sinagoga incrustada no centro da cidade, mostrava a opulência de uma antiga comunidade que findava dia após dia. “Em breve, todas elas virarão museus...” Enquanto caminhava, escutava atento as rezas e enxergava as breves silhuetas dos rostos desconhecidos que se aproximavam. *Shaná tová umetuká*, cada um, quase todos, alguns o diziam. Carpete antigo, cadeiras de madeira ainda radiante. Um punhado de velhos enrugados com a amargura que não se explica. Talvez eu fosse altivo demais para que alguém quisesse estar ao meu lado. “Hoje faremos a cerimônia no modo sefaradim”. Ele sendo *Chabad* era impressionante ouvir isso. Tão logo chegou o *Chazan*, colocou o *talit* de sua boca as vogais expressavam um toque a coçar o coração até meus primeiros prantos. Devia ser isso o toque de um começo que eu pedira a Hashem naqueles anos difíceis que eu passava.

Enquanto as pessoas chegavam, ficavam e se retiravam, as gotas de água explodiam sobre a calha e deslizavam novamente em sua forma até jardim abaixo de nós. E a voz que tremia tudo a minha volta vinha com o canto que fazíamos de olhos fechados: “*Shemá Israel, Adonai Elocheinu, Adonai Echad*”. As notas em trêmulo como se não quisessem deixar de iluminar cada espaço de nossas almas, a dar leve quentura para o início da primavera, ainda quase inverno no sul de intempéries inóspitas.

Já no segundo dia, chegamos pela manhã. A cantar e cantar a língua de nossos ancestrais. Era o tempo de pedir perdão, antes de tudo era o que eu tentava fazer, pois não tinha vocação para o canto. Eu queria apenas escutar e deixar meus laços de amor serem o perdão... Até o final do dia chegar em laivos alaranjados. Já terminara a chuva dos últimos dias. Era assim mesmo naquela região. Foi nas luzes que em um breve instante de descanso, já com a dor de cabeça da fome a me pegar, é que me foi dado

* Psicólogo, Mestre e Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

licença para continuar. Sim, o caminho não era em vão. Eu estava vivo ali em silêncio, na velha sinagoga construída para ser um castelo contra tudo que a quisesse destruir. Só no vento frio farfalhavam as folhas no arrasto do meu encontro.

Como é de costume, o imbróglio com a numeração das páginas do *Mazchor* começamos a nos aproximar da *bimá*, afinal éramos apenas doze. “Temos *minyan*”. A Torá é retirada com calma, dela emanam os aromas do tempo, os quais proporcionava as imagens das pessoas ali, seus corações, na tentativa de fazer a leitura de muitos, na fluidez de outros. O Chazan canta para abrir a sala secreta na qual cada um de nós se escondia. Ali as orações se encontravam, mesmo que a leitura do hebraico ainda carecesse de mais atenção. Ao ler o *Mazchor*, ao final da tarde, Jonas aparece movido a não seguir o caminho que lhe fora indicado por Deus. O significado era um tanto óbvio, mas ainda assim, eu não entendia o que era para mim o peso daquele caminho. Eis que o *Neilá* chega como passos pesados que se encontram no último minuto, como se todos nós estivéssemos ali muito antes, em nossas súplicas a nos conhecer, porque provavelmente nunca mais iríamos nos ver ali juntos.

Shemá Israel, Adonai Eloheinu, Adonai Echad

A cerimônia bem no fim, todos ali, para as últimas palavras inclusive o Chazan parecia retirar mais força em cada som com as vogais finais bem pronunciadas em trêmulo.

E então o grupo de dispersa. Vamos comer um bolinho e de repente escuto “*Anyada Buena!*” e todos caímos na risada. “É assim em ladino”, disse o nosso *Chazan*. Paulatinamente, os nossos passos seguem as ruas desaparecerem em meio ao antigo centro. Dias depois descubro que nosso *Chazan* havia perdido sua filha em um acidente de avião anos atrás. Onde rompe o choro os vestígios retornam em suplício. Também Jonas confessara seu perdão no dia de um instante quase mágico, quase milagroso, quando ele não fazia ideia de sua missão.

Enviado em: 10/09/2025

Aprovado em: 30/10/2025